

## DA VAIDADE A TRADIÇÃO: PELA QUEBRA DE PARADGMA E ACEITAÇÃO DO CONTRADITÓRIO

### VANITY OF TRADITION: FOR BREACH OF PARADIGM AND ACCEPTANCE OF CONTRADICTIONARY

Valterlan Tomaz Correia<sup>1</sup>

#### RESUMO

Neste artigo procuramos compreender de que maneira a vaidade corrobora para que os costumes sejam introduzidos na sociedade e se efetivem como tradição, proporcionando transformações positivas e negativas ao longo da história. Trata-se, pois de uma análise do modelo engendrado, muitas vezes, para controle das massas, da funcionalidade comercial em sua ambição sem precedente e para a manutenção do bem-estar burguês e da moralidade religiosa a fim de manter resguardados os interesses de alguns em detrimento da maioria. Dessa maneira, preservar alguns requer, por assim dizer, manter os privilégios daqueles que detém o poder “moral” e “político” dos comportamentos individuais no interior do Estado. Portanto, é possível nos perguntarmos e em algum momento entendermos o porquê da predominância de alguns princípios que não geram mudanças significativas no coletivo, tampouco visa o bem comum, mas ao contrário sucumbe, estagna e aliena as individualidades.

**PALAVRAS CHAVE:** Vaidade; Tradição; Costumes; Controle; Mudança.

#### ABSTRACT

In this article we try to understand how the vanity helps to the customs to be introduced in the society and to implement themselves like tradition, providing positives and negatives transformations over the history. It is one analyze of the model created to, many times, crowd control, trade functionality with your ambition unprecedented and to maintaining the bourgeois welfare and the morality religious in order to maintain protected the interests of some to the detriment of majority. In this way, preserve some require, so to speak, maintain the privileges from who have the “moral” power and the “politician” power of individual behaviors in the State. Therefore, it’s possible ask to ourselves and in some moment understand which the reason of predominance of some principles which don’t produce changes in the collective and don’t aim common good, but unlike break, stagnate and alienate the individualities.

**KEYWORDS:** Vanity; Tradition; Customs; Control; Change

---

<sup>1</sup>Mestrando em Filosofia no programa de pós-graduação da UECE; membro do GT Benedictus de Spinoza no Projeto de Pesquisa A questão da liberdade na Ética de Benedictus de Spinoza da Universidade Estadual do Ceará – UECE. Sob a orientação: Prof. Dr. Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso.

## Introdução

Na verdade, todo homem, por mais firme que esteja, é pura vaidade.<sup>2</sup>

[...] – Assim como os ossos, a carne, as entranhas e os vasos sanguíneos são envolvidos por uma pele que torna a visão do homem suportável, também as emoções e paixões da alma são revestidas de vaidade: ela é a pele da alma.<sup>3</sup>

É comum vermos no homem de todas as épocas a vaidade implícita no seu ser em suas múltiplas facetas e em atos voluntários ou involuntários. Desde os tempos mais longínquos percebe-se que os indivíduos são motivados por ela, principalmente os homens que detêm o poder e que por sua influência a estende para a sociedade como ideal de vida, fruto dos seus mais íntimos costumes, aqueles que lhes são vaidades<sup>4</sup>, seu prazer. Eis aí a catástrofe da humanidade em suas transmissões de valores tradicionais e conservadores, aqueles que preservam o que há de mais mesquinho e ambicioso num gesto trivial da vaidade costumeira. Como bem disse o filósofo inglês Stuart Mill: “As regras que cada povo alcança parecem-lhe evidentes e justificáveis por si mesmas. Esta ilusão universal é um dos exemplos da influência mágica do costume.” (MILL, 2000, pp. 11-12). Ora, essa justificativa não existe pelo simples fato de que a motivação de inúmeros costumes é proveniente da vaidade humana e que por falta de questionamento tornam-se uma tradição. O que nos faz lembrar as palavras de Erasmo de Rotterdam (1466-1536) em sua obra intitulada *Elogio da loucura*: “Ao verem, os tolos, as sombras e as aparências de diversas coisas, admiram-nas e nada mais procuram, dando-se por satisfeitos.” (ERASMO, 1984, p. 78).

Há um aspecto tirânico na vaidosa tradição,<sup>5</sup> seu modo atroz de por vezes validar a opressão e a injustiça e sua maneira sutil de transformar seu objetivo em algo verdadeiro, bom e único afastam de uma vez por todas novas possibilidades. A tradição aparenta ter a primazia e a perfeição, que neste contexto são fundamentais para estabelecer critérios de certo e errado ou bem e mal, o que leva o homem a se sentir no direito de amoldar todos ao seu modo, explorando tudo aquilo que pensam ser secundário e imperfeito, ao passo que busca expurgar aquilo que acha desnecessário para uma “vida boa”, “respeitável”, “justa” “igualitária” “feliz”, etc. Entretanto, são, na verdade, pressupostos de sua mais alta imposição de poder. Seus costumes já abarcaram todas as dimensões da vida humana nos seus mínimos detalhes. E assim, sua maneira abrupta, mas por vezes sutil e gentil até, é o modo mais eficaz de sua manipulação, de seu controle, no que diz respeito ao comportamento do homem em sociedade e de suas liberdades individuais.

Nesse sentido, a tradição, com todo o seu costume, é capaz de violar a diversidade, estagnar o sujeito em sua subjetividade, e por assim dizer, em seu desenvolvimento. Pois ela atribui um valor a cada coisa no mundo – um valor criado a

<sup>2</sup> SALMO: 39.5

<sup>3</sup> HH, § 82

<sup>4</sup> Não há como escaparmos da alusão ao rei Salomão quando diz na abertura do seu livro Eclesiastes: “[...] vaidade de vaidades, tudo é vaidade.” (Eclesiastes 1.2). Nesse sentido, as vaidades dos homens podem muito bem resumir a futilidade dos seus desejos pelos sistemas implantados e sustentados a partir deles.

<sup>5</sup> Quando nos referimos à tradição, procuramos abordá-la no sentido de regras do convívio social e de suas implicações na liberdade do indivíduo e não necessariamente no sentido cultural que a palavra pode vir a ter.

partir da vaidade humana – utilizado para coagir e condicionar uma grande quantidade de indivíduos a manterem um comportamento padronizado, um modelo socialmente aceito, o que se configura como uma violência contra o diferente. Antonio Negri (1933-) filósofo Italiano diz em certo momento de sua obra, *Jó a força do escravo*, algo muito importante, a saber: “É preciso reconstruir o valor.” (NEGRI, 2007, p. 110). Novas possibilidades devem surgir e a saída se encontra justamente na indignação, no constante protesto e no questionamento do homem frente às condições pré-estabelecidas; esse deve ser o escape ao mesmo tempo em que é o encaixe dos diferentes tipos de pensamentos e de vida – ainda que na base das tentativas e dos erros – a fim de alcançar um modelo social e político mais adequado e justo para os homens, onde todos possam exercer plenamente suas potencialidades e sua subjetividade sem agredir ou tirar a liberdade alheia. Todavia, dirá Negri ainda: “[...] o mudo é constituído por uma trama única de valor (e cada uma das expressões naturais e históricas é uma de suas manifestações), mas essa comunidade se revela insensata.” (NEGRI, 2007, p.67).

Nessa configuração, a incumbência de perpetuar esses dotes tradicionais é creditada às instituições mais sólidas, tais como: família, escola e igreja, influenciando a personalidade do sujeito, pelos dogmas instituídos, ou até alienando-o completamente. Tais instituições podem criar e estabelecer tais paradigmas de comportamento como também podem desencadear o processo de quebra dessa condição pré-estabelecida. Cabe aqui ressaltar, que como indivíduos inseridos na sociedade, não se pode estar livres destas influências preliminares, o que não se pode pressupor é a verdade absoluta dessas sem o devido conhecimento das demais, porém, não basta apenas conhecê-las, mas é fundamental a autonomia do sujeito no intuito de construir seu próprio conceito sobre algo, pois isso guiará suas ações. Portanto, não cabe rechaçar o contraditório.

A mudança deveria interessar a todos porque ela faz parte do desenvolvimento intelectual e ético/moral para o bem-estar coletivo e nem mesmo a vaidosa tradição dos costumes deve impedi-la. Entretanto, é preciso lembrar-nos de que se desvencilhar de um modelo já consolidado, criando outro, implica em tornar-se daí por diante, o modelo que posteriormente virá a ser a tradição, o que não seria muito coerente. Sendo assim, formar e manter uma sociedade onde todos possam viver no coletivo sem agredir a subjetividade requererá sempre essa reconstrução de modelo, é provável que jamais esteja pronto, uma vez que o homem esteja sempre em constante mudança, tal como a sociedade, pois esta é constituída de homens e homens de paixões. Portanto, dessa vaidade particular, gera-se costumes e conseqüentemente tradição que poderão se estender para outras gerações que sequer entenderão o porquê de estarem fazendo tais coisas. Nasce também daí o conflito, pois é natural que um indivíduo, assim que se encontra como ser autônomo, não se sujeite a isso.

### **A vaidade como fardo imposto através da tradição**

Quase no berço já nos dão pesados valores e palavras: “bem” e “mal” – é como se chama esse dote. Por causa dele nos perdoam que vivamos. E nós – carregamos fielmente o que nos dão em dote, em duros ombros e por ásperas montanhas! E, se suamos, nos dizem: “Sim, a vida é um fardo!”. Mas apenas o homem é um fardo para si mesmo! Isso porque carrega nos ombros muitas coisas alheias. Tal como o camelo, põe-se de joelhos e deixa que o carreguem bastante.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> NIETZSCHE, 2011, p. 184

Nietzsche parece ter fortes razões em atribuir ao homem esse fardo, mais do que isso, de relacionar o fardo as coisas corriqueiras da vida, aquelas advindas da tradição e do poder de alguns em detrimento de outros. Mas também da ignorância, vulnerabilidade, superstição, aceitação, etc. Pois os valores que conduzem a sociedade são também os que muitas vezes a condena a uma vida miserável, pois lembremos que o homem “[...] carrega nos ombros muita coisa alheia [...]” Nisso sabemos que os costumes compostos de vaidades e impostos pela tradição impõem algo que não é necessariamente de todos, mas de alguns em alguma época, num lugar e contexto específico. Tais costumes trazem em si uma espécie de manual de conduta que procura não permitir que homens de outros tempos e de outra mentalidade, isto é, do hoje (tempo), ou ainda, do agora (instante), possam experimentar livremente outras maneiras de viver, novas possibilidades. Ora, é preciso usufruir das coisas do mundo, descortinar a vida e buscar entendê-la em sua plenitude.<sup>7</sup> Portanto, sobrecarregar o homem com crenças, fantasias, doutrinas, preceitos e interesses que não são propriamente seus fazem com que sua maneira de enxergar o mundo e aquilo que o compõe se torne confuso, desagradável e triste, o que não pode ser aceitável. Ainda assim, alguns conseguem se valer desses fardos para, segundo esta visão, tornar muitos dentre a multidão melhores cidadãos, mas que na verdade os tornam excelentes marionetes, porque esses de fato não sabem conscientemente o que querem, pois se deixam guiar por “outras cabeças”, que por saberem muito bem contornar o medo e a esperança os submetem a toda espécie de comportamentos ou crença. Benedictus de Spinoza<sup>8</sup> (1632-1677) no século XVII já chamava a atenção para esse fato, ao dizer:

Se os homens pudessem, em todas as circunstâncias, decidir pelo seguro ou se a fortuna se lhes mostrasse sempre favorável, jamais seriam vítimas da superstição. Mas, como se encontram frequentemente perante tais dificuldades que não sabem que decisão hão de tomar, e como os incertos benefícios da fortuna que desenfreadamente cobiçam os fazem oscilar, a maioria das vezes, entre a esperança e o medo, estão sempre prontos a acreditar seja no que for: se têm dúvida, deixam-se levar com a maior das facilidades para aqui e para ali; se hesitam, sobressaltados pela esperança e pelo medo simultaneamente, ainda é pior; porém, se estão confiantes, ficam logo inchados de orgulho e presunção. Julgo que toda a gente sabe que é assim, não obstante eu estar convicto de que a maioria dos homens se ignoram a si próprios.<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> É necessário que se entenda que usufruir das coisas do mundo e descortinar a vida não implica em nenhuma conduta imoral, irresponsável ou irrefletida, mas numa vida intensa, compreendendo as causas das coisas, no respeito para com outro, não importa quem (lembrando que qualquer um poder vir a ser o diferente, o semelhante e o próximo), mas para tal, é imprescindível uma postura da autonomia do sujeito, isto é, analisar os fatos antes de qualquer juízo, dominar suas paixões, se assumir enquanto ser autônomo, pensante e capaz.

<sup>8</sup> Para as citações referentes às obras de Benedictus de Spinoza nesse artigo utilizamos para o Tratado Teológico-Político a sigla TTP com a indicação da sigla “pref” para se referir ao prefácio. Quanto ao Tratado da Reforma da Inteligência utilizamos a sigla TEI para indicar a obra e para indicação dos parágrafos o símbolo § seguido de seu respectivo número em algarismo arábico.

<sup>9</sup> TTPpref

O problema observado por Spinoza é que, primeiro, o homem é vítima, segundo ele não sabe tomar decisões por conta própria, por fim, oscila em todo tempo entre medo e esperança, nesse sentido, ele tanto é vitimizado por si mesmo, quanto o é por outros sujeitos. No primeiro momento, a saber, no caso dele próprio se causar danos, devido a sua não determinação enquanto indivíduo – o que parece caracterizar sua fragilidade – não há aí, portanto, o mínimo de concepção do que seja efetivamente homem autônomo, ou seja, ele não tem noção da realidade nem sabe dirigir sua vida, principalmente no âmbito político e social, ainda que Aristóteles diga com razão que este é um animal político ou social,<sup>10</sup> apesar disso muitos desses “animais políticos” não têm a real dimensão do que querem e do que fazem – Porém, sua natureza exige que de uma maneira ou de outra eles se posicionem como seres pensantes, autônomos, numa espécie de ímpeto dominador de si mesmo.

Quanto ao fato de ser subjugado por outros sujeitos, é interessante também observar a colocação de Stuart Mill no intuito de assegurar o direito individual: "Na parte que diz respeito apenas a si mesmo, sua independência é, de direito, absoluta. Sobre si mesmo, sobre seu corpo e mente, o indivíduo é soberano." (MILL, 2000, p. 18). Mas nos parece que eles próprios teimam em ignorar. O vulgo vai sempre existir para a alegria dos tiranos que os vêem como homens frágeis, bárbaros, sensíveis e inferiores. Portanto, esses homens despóticos arrancam daqueles que ainda não conseguem sair desse sistema tradicional sua liberdade e dignidade, dessa forma, tais pessoas são subjugadas pelo acúmulo de costumes antigos e por vezes antiquados ou falsos. Encontramos no dicionário Nicola Abbagnano, a antítese da tradição da seguinte maneira:

A antítese dessa valorização da tradição é a concepção segundo a qual: 1º nem todos os resultados, nem os melhores produtos da atividade humana foram infalivelmente conservados e incrementados ao longo do desenvolvimento histórico; 2º o que esse desenvolvimento conservou nem isso tem garantia de verdade ou valor. [...] O iluminismo erigiu-se contra a tradição, afirmando que sua herança, na maioria das vezes, é erro, preconceito ou superstição, recorrendo ao juízo da razão crítica para contestá-la.<sup>11</sup>

Logo, a herança de valores petrificada na tradição precisa ser quebrada, pois é preciso superar os erros e preconceitos que a vaidade dos homens procurou preservar. A compreensão de que este fardo não precisa ser passado e nem suportado é o entendimento o qual os homens precisam alcançar.

### **A contestação da tradição em prol da quebra de paradigma**

As honras, enfim, são grande empecilho, visto que, para alcançá-las, a vida tem de ser necessariamente dirigida no sentido de agradar os homens, isto é, evitando o que

<sup>10</sup> O filósofo grego Aristóteles em sua obra intitulada *Política* dirá que “[...] o homem é por natureza um animal social [...]” (ARISTÓTELES, 1997, p. 15). Algumas traduções usarão o termo animal político ao invés animal social, trata-se apenas de uma questão de preferência.

<sup>11</sup> ABBAGNANO, 2007, p. 1150

vulgarmente evitam e procurando o que vulgarmente procuram.<sup>12</sup>

É fundamental entendermos como a tradição consolida os costumes tornando-os valorosos modos de vida que na verdade são a pura expressão da vaidade humana. Nesse sentido, a colocação de Spinoza a respeito da honra é de grande valor, pois é inegável o apego dos homens à honra e isto ocorre simplesmente porque ela alimenta cada vez mais a vaidade. Quanto mais honras, mais satisfeitos estarão os homens de modo que facilmente outros acabam por considerá-la não só necessária como indispensável. Neste processo consolida-se o costume e a tradição com o objetivo de agradar os homens, qualquer fuga deste modelo de vida não só será rejeitada como também sofrerá coerção, por este motivo a tradição estabelece um paradigma de como se deve ou não proceder.

O risco de não repensar pontos de vista estabelecidos, de não contestarmos a tradição é construirmos uma censura social que possivelmente leva ao favorecimento de uns em detrimento de outros, por esta razão é fundamental a reconstrução dos valores que perpetuamos, sobre este aspecto Stuart Mill diz em sua obra Utilitarismo:

[...] toda época sustentou inúmeras opiniões que épocas subsequentes julgaram não apenas falsas como também absurdas, sendo igualmente certo que, assim como muitas opiniões agora correntes serão rejeitadas pelas épocas futuras, inúmeras outras, outrora correntes, são rejeitas pelo presente.<sup>13</sup>

Esta reformulação do pensamento em sociedade deve sempre ocorrer, mesmo que venha para mudar algo fortemente arraigado, principalmente para driblar a vaidade humana implícita em muitos dogmas sociais. Nesta reconstrução, devemos ter a consciência, de que o que hoje é aceito como verdadeiro pode não se adequar futuramente e por isso não se devem estabelecer tradições como verdades irrevogáveis.

Neste contexto de oposição ao pré-estabelecido, as instituições como igreja, família e escola possuem um importante papel, pois são elas que perpetuam ou quebram preconceitos. Somos influenciados por estas instituições durante toda a vida, nascemos e crescemos sob sua influência e por esta razão nem sempre é fácil enxergar o que precisamos rejeitar. Isto só é possível através da autoafirmação do indivíduo, daquilo em que de fato ele tem como verdade, mas este processo nem sempre é possível, pois exige questionar a tradição que nos acompanha desde cedo.

### **Considerações finais**

Ao longo do tempo o homem vem impregnando em costumes sociais suas vaidades provocando a perpetuação de crenças através da tradição. No entanto, vivemos um processo contínuo de mudanças sociais ao longo da história que em alguns momentos foram mais intensas. Estas boas e necessárias mudanças que enxergamos na sociedade contemporânea são resultado desse sistema de quebra de paradigmas os quais foram impostos pela vaidade humana através da tradição.

Superar o estabelecido nem sempre é fácil, pois as más intenções sempre podem ter como aliada a ignorância de muitos. Todavia, não é nosso objetivo condenar

<sup>12</sup> TEI§5

<sup>13</sup> MILL, 2000, p. 31.

a tradição e negá-la, é preciso, no entanto, colocar os costumes à prova, pensar e repensar os valores que estamos fortalecendo e nos questionar qual sua contribuição para a sociedade como um todo. Pois as tradições que conservamos muitas vezes têm pura e simplesmente a função de estabelecer barreiras entre os homens e satisfazer suas vaidades, o que é um risco, pois pode levar a opressão de minorias.

A quebra dos valores da tradição que nada agregam passa necessariamente pela compreensão de que a subjetividade humana nos faz diferentes e essas diferenças devem ser respeitadas para construção de novos valores, além disso é necessário autoconhecimento e autodeterminação para entender quais valores foram herdados e quais valores de fato nos pertencem.

### **Referências Bibliográficas**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ARISTÓTELES. *Política*. Trad. Mário da Gama Kury. – Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

CHARLES, Ramond. *Vocabulário de Espinosa*. Trad. Claudia Berliner; revisão técnica Homero Santiago. – São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MILL, John Stuart. *A Liberdade; Utilitarismo*. Trad. de Eunice Ostrensky. – São Paulo: Martins Fontes, 2000. – (Clássicos)

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhias das Letras, 2011.

———. *Humano demasiado humano: Um livro para os espíritos livres*. Trad. Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhias das Letras, 2005.

———. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Paulo César de Souza. – São Paulo: Companhias das Letras, 2005.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

———. *Tratado Político*. 1. ed. – São Paulo: Trad. Diogo Pires Aurélio: Martins Fontes, 2009.

———. *Tratado da Reforma da Inteligência*. 2. ed. – São Paulo: Trad. Lívio Teixeira. Martins Fontes, 2004.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Bíblia de Estudo de Genebra*. – São Paulo: Cultura Cristã, 2009.